

Fascismo – Filho dileto da Igreja e do Capital

A OFENSIVA DO CLERICALISMO

Sentindo a derrocada da sua moral de escravos, a queda irreparável dos direitos divinos da Igreja sacudidos pela razão humana, a diminuição progressiva do seu prestígio na literatura livre de muletas e a decadência do seu poderio – o Clero Romano faz ressurgir, das lutas políticas, o terror e provoca o renascimento das hostes imperialistas no despotismo das ditaduras modernas.

Por trás do *braço secular* dos governos – reúne o seu estado maior de tiranos inquisitoriais.

O Clericalismo é o pai do fascismo.

Mussolini e Hitler são os dois *braços seculares* da Igreja neste momento histórico. Representam o desespero do Cristianismo pretendendo reorganizar os Autos da Fé e acender outra vez as fogueiras da Inquisição. As aparências têm outro significado.

Cristo é um mito muito alto: não cabe dentro do Cristianismo ... O Cristianismo é anti-cristão. É a negação absoluta das palavras de doçura e amor de Jesus de Nazaré.

O Cristianismo, para mim, é significação mais perfeita de uma civilização voraz de déspotas e escravos.

Quando digo Cristianismo, eu me refiro à ordem social burguesa-capitalista. É a civilização do bezerro de ouro. O Estado confundiu-se de novo com a Igreja, não no sentido divino como outrora, mas, no domínio econômico-político.

E o Clericalismo se faz representar, modernamente, nas quatro castas dominantes do nosso regime social.

De novo o mundo civilizado é dirigido e governado despoticamente pelo jesuitismo de casaca.

Não há exemplo, no mundo moderno, de um só político de valo que se desembarace altivamente do domínio do clero, a não ser no México altivo e heroico.

Todos se curvam servilmente diante da Igreja e beijam covardemente

as mãos do Papa.¹

O México é a prova eloquente da resistência tenaz contra a organização nefasta dos prejuízos seculares.

Guardadas as devidas proporções de século, de cultura, de civilização totalmente diversa, o México representa hoje aquela Veneza extraordinária, cidade única no mundo inteiro que resistiu, magnífica, à Igreja e aos Autos de Fé.

“Os anais da Inquisição não nos apresentam senão uma só vez, o exemplo de uma cidade, cuja habilidade política e sabia sagacidade soube contrabalançar a influência do Santo Ofício, levando o Papa a modificar, nos limites convenientes, a constituição do seu tribunal.

“Veneza era, talvez, a mais antiga cidade católica da Itália. A Itália havia sido reduzida a fogo e sangue pelos inquisidores e ninguém ainda pensava em Veneza. Essa circunstancia faz da cidade asilo seguro, e os heréticos o sabiam e aí se refugiando, a Inquisição não os viria buscar.

Roma só podia ver com muito pesar a tranquilidade de que gozava a rainha do Adriático; muitas tentativas faz, experimenta introduzir seus temíveis agentes no palácio de São Marcos, sempre inutilmente. Sob o pontificado de Nicolau IV, isto é, só em 1289 foi que o senado veneziano consentiu enfim no estabelecimento da Inquisição. E esse consentimento ainda foi dado com tais reservas que a influência de Roma desaparecia por completo e a Inquisição tornava-se simplesmente um tribunal subalterno, submetido em absoluto à autoridade do governo de Veneza.

Si nesse negócio o triunfo do Papa foi completo, consolou-se ele com a esperança de que a desconfiada susceptibilidade dos venezianos tornar-se-ia mais doce, e que estes deixariam qualquer dia à Inquisição, a liberdade

1 A Rússia vive em amistosas relações diplomáticas com o Papado. E, acaba de conceder aos Estados Unidos licença incondicional para fundar igrejas protestantes no território dos Soviets. A Rússia está bem com todos ... Para que o Estado qualquer seja, firme-se bem nos seus alicerces de força e poderio, tem de fazer concessões. O caso do México é único na história contemporânea. Aliás, a Rússia tem confiança na educação anti-religiosa das suas escolas e parece não mais temer a influência confessional de qualquer igreja. Na sua política externa dá-se bem com a Alemanha Hitlerista, embora as perseguições aos comunistas ... dá-se admiravelmente bem com a Itália fascista e cultiva ótimas relações com o Papado e o clero protestante dos Estados Unidos ... A Rússia bateu o recorde de diplomacia burguesa ...

de que ela gozava por toda parte. Essa esperança não se realizou. O governo veneziano não desmentiu a sua energia primeira, e longe de decrescer na sua firmeza, nada mais fez do que corroborar os seus primeiros atos por artigos adicionais, com os quais pouco a pouco se compunham os trinta e nove famosos artigos que formavam o código da Inquisição em Veneza”.²

Pois bem, o México, no mundo moderno, constitui a mais brilhante exceção e o atestado mais alto de coragem e independência por amor à liberdade de consciência e protesto contra a reação da tirania clerical.

Perdendo o seu poder religioso e confessional, perdendo seu prestígio, a Igreja serve-se de todos os aventureiros da política, revolucionários, incendiários, ateus antirreligiosos, do gênero de Hitler e Mussolini para tornar-se, de novo, por detrás desses arlequins sem caráter e sem consciência, a senhora de todo o orbe, dominando os povos e os Estados pelo terror e pelo fanatismo sanguinário.

Por isso, hoje é mais perigoso o Clero, escondido por trás dos nacionalismos militaristas de após guerra. Mais perigoso porque presente o desastre do seu desprestígio e a bancarrota dos sistema, e, pela sua elasticidade assombrosa, pela sua espantosa capacidade de dissimulação, pela adaptação constante, pela fantástica perseverança na espera das oportunidades, pela essência autoritária mascarada de humanidade, pelo tato psicólogo para saber não fazer desconfiar e nem opor dificuldade diretas, não provoca recusas intempestivas, não força negativas, não toma de assalto o poder, coloca-se sempre, incondicionalmente, ao lado dos fortes e junto aos vencedores ...

O Cristianismo tem o maior cuidado em não fazer lembrar a sua santa piedade inquisitorial.

E quando alguém lembra, o Clero e os seus sequazes apressam-se em pretender provar que não foi a Igreja e sim autoridades constituídas que ordenaram os Autos de Fé e condenaram às labaredas os criminosos dos crimes de heresia. A Igreja serviu humildemente aos poderosos...

A Inquisição foi de ontem, a historia desse martirologio da livre consciência está ainda fresca, mas a desfaçatez do clero a negar tanta

2 “Histoire des Sociétés Secrètes politiques et réligieuses”, por Pierre Zaccone, Paris, edição de 1867, páginas 277 e 278.

perversidade e a pretender colocar-se à margem dos crimes nefandos praticados pela Religião, em nome daquele Cristo de amor e piedade – é mais do que revoltante, é também repugnante.

Mas, a Igreja teve sempre o cuidado de se servir das leis e do governos para estabelecer o seu domínio e exercer as suas vinganças.

Demais, o Clericalismo não tem pressa. A organização da igreja é feita de molde a saber esperar pacientemente.

Mas, agora, diante da revolução social que se precipita, diante dessa avalanche que vem rolando com a impetuosidade devastadora dos cataclismos cíclicos, o Clero se apressa na tomada de posições outrora ocupadas a ferro e fogo.

Daí a encruzilhada diante da qual estacou o genero humano impellido pela horda impetuosa e brutal da reação clerical-fascista – reivindicando de novo o direito e o poder de torturar, massacrar, exterminar em nome do Estado, divinizado hoje pelos nacional-imperialistas, em nome da autoridade do fanatismo e da intolerância do misticismo nacionalista.

Ou o terror, o renascimento do despotismo medieval mascarado de defesa, e que não é senão agressão imperialista, ou a razão humanizada pela dor de ver sofrer, a solidariedade humana a se defender contra a voragem liberticida – ameaçando sorver tudo, no caos das novas guerras de extermínio, ao mesmo tempo nacional-imperialistas e místico-religiosas.

Assistimos ao alvorecer de novas Cruzadas. Mudam-se os nomes das coisas, entretanto, é o espirito de autoridade que, em todos os tempos, no troglodita como no homem civilizado, mascarou o instinto animal de agressão – organizando o despotismo – para se apoderar da bolsa ou da consciência, do ouro e da liberdade do próximo.

E mais interessante: a Igreja clama pela liberdade. Sim. Pela liberdade de estrangular a liberdade.

Como no tempo das Cruzadas, o Papa abençoa Mussolini e a Igreja denomina “o homem da Providência” ao Dulce – chefe dos bandidos assassinaram covardemente a Matteotti, a Amendola, a Don Minzone...

Mussolini, no momento atual, guardadas as proporções, representa admiravelmente Inácio de Loyola quando procurou reerguer a Igreja criando a Cia. De Jesus, renovando-lhe as forças, cultivando-lhe novas raízes no fastigio e no terror. Tudo é Cristianismo...

Com o fascismo e o nazismo estamos vivendo uma nova inquisição, e, si continuarmos inertes, ela se estenderá até nós. As torturas denunciadas por Barbusse, na Itália fascista ou as crueldades do regime nazista são puramente inquisitoriais.³

Hitler é o responsável pelas vitimas sem conta, imoladas no altar do racismo, cuja ação social consiste em varrer da Alemanha todos os judeus e todos os partidos políticos que não sejam o nazista.

Van Der Lubbe tornou-se um simbolo na Alemanha, como Matteotti na Itália.

Esse individualista de caráter incorruptível salvou a vida de seus companheiros de processo, à custa da sua própria vida. Caluniado, maltratado pela imprensa nazista, torturado na prisão, envenenado com a “droga da verdade”, a “scopolamine” - empregada pela polícia estadunidense – para paralisar o controle do acusado sobre si mesmo, permitindo arrancar-lhe “confissões” involuntárias, nem assim Van Der Lubbe acusou ninguém. Está claro que se fosse cúmplice dos nazistas, não teriam empregado tal droga.

E a droga foi ministrada repetidamente, devido à recusa de Van der Lubbe em acusar aos outros, inutilizando-o fisicamente antes muito da execução.

Todas as torturas foram empregadas para que Van der Lubbe acusasse os comunistas. Inutilmente.

Declarou sempre:

“Eu sozinho realizei o incêndio do Reichstag, sem cúmplices e sem que ninguém tivesse conhecimento do fato”.

Não importa saber se foi mesmo. O que importa é não acusar a outrem.

“Condenem-me de uma vez. Apliquem-me a pena de morte, mas, acabem de uma vez com a farsa deste processo interminável”.

Enquanto o comunista Dimitroff não teve o menor constrangimento em acusar diante do tribunal de Leipzig, Van der Lubber declarava perante o mesmo tribunal não conhecer nenhum dos outros acusados.

Em outro estudo em preparo, publicarei toda a documentação colhida na Europa contra as calunias e as perversidades publicadas para difamar e

3 Ver “Lu” de 12 de janeiro de 1933, Paris. Ver coleção de Estudios, 1933, de Valencia. Ver coleção de Nervio, 1932, 1933, Buenos Aires. Ver Monde, Paris.

macular o caráter viril e excepcionalismo desse operário modesto e desse individualista cujo o crime foi negar-se encerrar sua ação e sua vontade nas malhas de um partido político e reivindicar para si só a responsabilidade do seu gesto desesperado – com o fim de despertar as massas obreiras do seu letargo.

A seu irmão Jan Van Penthe lhe permitiram ver o cadaver de Van der Lubbe apenas por um instante, mas o suficiente para que lhe percebesse pela abertura da camisa o ombro despedaçado e terrivelmente machucado. Seu enterro foi às pressas.

E Van der Lubbe guardou um silêncio obstinado. Nada revelou. A ninguém comprometeu senão a si mesmo.

Cérebro e coração de um herói.

Desses caracteres raríssimos que a leviandade dos homens e a sua perversidade só sabe macular, porque não está à altura de os compreender.

Van der Lubbe, apesar de todas as calúnias do “Livre Brun”, ficará para sempre na memória dos oprimidos, como símbolo do individualismo na ação, como o revolucionário boêmio que se sacrifica – para sacudir as consciências, em uma civilização de covardes e amorfos.

Van der Lubber é o nome que melhor simboliza a ofensiva da Inquisição moderna.

Essa Inquisição mistico-política inaugurada pelo fascismo revive e supera a inquisição feroz da Idade Média.

Faltava unicamente o fato típico, “similar ao de Giordano Bruno, Juan Huss ou Savanarola” para emergir do caos moderno como símbolo de uma época sanguinária de degenerados.

O crime hediondo do envenenamento e torturas incríveis aponta o Cristianismo, com a sua moral barbara, como a causa dos desastros e das atrocidades inauguradas pelo Estado moderno, em nome das barreiras odiosas do misticismo nacionalista e econômico.

Enquanto os primeiros ensaios inquisitoriais se verificam e o mundo os vê escandalizados, mas, nada faz para impedi-los – a Igreja aguarda a oportunidade de poder assar vivos os homens e mulheres, em vez de queimar apenas os livros ...

Será possível que a covardia humana nos avilte a ponto de consentirmos em tal degradação?

Quando aprendemos que a Igreja perseguiu e martirizou a Giordano Bruno, a Copérnico, a Kepler, a Galileu, a Descartes, a Newton; quando revemos o que ela disse, por exemplo, de Newton, que “tirou a Deus essa ação direta sobre sua obra, que lhe atribui tão constantemente a escritura, para a transferir a um mecanismo material e substituir a gravitação pela Providência”, (White – *História da Luta entre a Ciência e a Teologia*) – longe estávamos de supor que hoje, agora, neste momento, Hitler persegue, exila, confisca os bens de Einstein – o maior cientista vivo – põe a premio a sua cabeça, essa cabeça notável que revolucionou toda a matemática e abriu novos caminhos às concepções da mecânica celeste.

É ainda o Cristianismo, ainda é a Igreja Romana, mesmo na alma protestante, é o ódio cristão ao judeu, mas também, e ainda mais – o ódio à ciência, o ódio à heresia que, através das investigações da ciência pura, estabelece princípios, e descobre leis naturais – contra os dogmas absurdos da infalibilidade, contra a prepotência da força bruta e contra o despotismo da violência religiosa ou política do *crê ou morre*.

Gregório XVI denunciava o princípio da liberdade da consciência como loucura absurda, e o da liberdade da imprensa como erro pestilento que, por demais detestado que fosse, nunca seria suficientemente detestado. (Draper – página 259, obra citada).

A Igreja vê, nestas manifestações de tirania organizada do Estado moderno – o caminho da sua redenção, do seu fausto e do poder temporal e espiritual, da sua liberdade – para ter a liberdade de massacrar a liberdade dos outros.

Se protesta, às vezes, pela voz de seus primazes, é porque as perseguições aos judeus estão sendo movidas pela Alemanha protestante ... Arma nas mãos de inimigos poderosos ...

Agitando os cordéis desse guinhol macabro de fascismo, racismo e daqui a pouco – integralismo – está o clero de todos os tempos, disfarçados na política, mascarado na diplomacia, vestindo a toga do magistrado ou o uniforme dourado da Academia, ostentando as insígnias do Maçom, empunhando a espada militar, mostrando no peito a Cruz da Legião de Honra, pontificando em Genebra, assinalando pactos de Paz ou comprando ações da Internacional Armamentista. A Igreja invadiu tudo ...

A educação clerical está dando os seus frutos.

A Igreja ficou pequena para conter o clero e movimentar os cordéis da sua política absorvente. O Cristianismo é uma organização tão perversamente arquitetada e tão admiravelmente mantida pelo espírito jesuíta – que penetrou todas as instituições, vacinou todos os homens contra a “vírus” da independência e da lealdade, e tomou conta do mundo – através da educação, tão maravilhosamente ministrada que degenerou e imbecilizou o gênero humano até a domesticidade covarde e a apostasia da própria consciência.

Vem de longe a aliança entre o altar e o trono: a Igreja sabe contar com o fator “tempo” para sugestionar o subconsciente e apoderar-se da razão, falseando o raciocínio até o obscurecimento absoluto da reflexão. Para isso, reivindicou sempre o direito à educação. Foi através da escola que chegou a reduzir a razão humana à expressão de zero ... E o seu poder lendário de adaptação?!

Nos vimos em São Paulo, por ocasião da revolução ou guerra civil de 32, a que ponto chega a elasticidade do clero, vestindo-se, desta vez, com a fantasia espetaculosa da demagogia mais escaldante. O clero também queria a liberdade e bradava aos céus pela Constituição. Porque queria a Constituição Clerical e o Estado como *braço secular* para defender as pretensões dominadoras da Igreja Romana. A Igreja livre, para sufocar a liberdade.

A intolerância sistemática do clero suspira pela fogueira e pelos santos inquisidores. A Igreja tem saudades fundas e nostálgica mística das suas perseguições e do fanatismo com que o povo acorria para meter as achas de lenhas nas fogueiras e ver assar vivos os hereges, os judeus e as feiticeiras.

E neste momento, através do fascismo, a Igreja tenta de novo tomar o mundo de assalto.

O número da revista “*Lu*”, de 12 de janeiro do corrente (1934) narra o seguinte, extraído de *Dimineatza*, de Bucarest: “O inquerito feito pela polícia no seio das organizações da Guarda de Ferro (fascismo romeno), revela, todos os dias, novas e edificantes minudencias na maneira de agir dessa instituição, que faz lembrar em tudo, os tristes e celebres Saint-Vehmes da Alemanha, tão medieval quanto moderna. Assim, há dias, as investigações do juiz de instrução de Braila chegaram ao arresto de um padre dessa cidade, que, em qualidade de servidor de Cristo, tinha uma

concepção bem esquisita da sua missão.

Esse representante da Igreja aceitará o encargo de receber o juramento solene dos novos membros da Guarda de Ferro, e, para que essa cerimonia fosse revestida do misterioso prestígio das coisas da religião, o padre decidira que se passasse diante do altar de sua igreja. Isso nada é ainda. O padre obrigava os moços a jurar diante de Deus e da Cruz que *“haviam de servir cegamente à Guarda de Ferro e aos seus dirigentes, até o último judeu tivesse desaparecido do território romeno”*.

Diante disso, diante da realização prática desse desejo unânime da Igreja romana e do Capitalismo não judeu, de que a Igreja é também membro notável, desaparecem os protestos de um ou outro bispo, aqui e ali, protestos vagos que nascem simplesmente do fato de prevalecer na Alemanha o protestantismo.

É a luta entre a Igreja de Roma e Lutero e Calvino. Os jornais de 21 de fevereiro de 1934 trazem um telegrama que é a confirmação do que acabamos de afirmar:

“Franfurt-sobre-o-Reno, 21 (H) O serviço da imprensa local comunica que padre católico recolhido à prisão de Hesse foi preso porque, por ocasião da execução de um comunista, entregou-se a “excessos de linguagens inimagináveis”. Acrescenta o comunicado: “É assim que esse eclesiástico não se lembrou de pedir para o comunista a clemência divina, mas procurou fazer crer que ele era mártir como Cristo e podia vencer serenamente, a última e dolorosa etapa de sua vida. Nessa prece suprema o sacerdote procurou excitar num assassino comunista o ódio contra a justiça humana. Comparar um assassino ao Cristo é uma blasfêmia e falta de tato. Não há lugar para tal padre no Terceiro Reich. O amor ao próximo quando ele se dirige a assassinos comunistas fere as tendências de nossos compatriotas de sensibilidade verdadeiramente cristã”.

Esse telegrama dá noção exata dos sinais dos tempos ... No Terceiro Reich não há lugar para os padres católicos. No Terceiro Reich domina o protestantismo. Estamos diante das novas Cruzadas. A linguagem isolada de um padre humano não é a expressão da linguagem e dos desejos da Igreja. A Igreja Romana não suporta os comunistas. Nesse ponto está de pleno acordo com o Terceiro Reich. Mas, quando o predomínio protestante se afirma na perseguição aos comunistas, a Igreja, pela voz individual de

alguns sacerdotes, protesta em nome da humanidade. É apenas a luta religiosa que se esboça.

Na Alemanha já se prende por crime de blasfêmia! Reminiscências da Santa Inquisição.

Os protestantes da Alemanha reviveram o Santo Ofício. A Igreja não protesta contra o Santo Ofício. A Igreja não protesta contra o Santo Ofício ou o Tribunal Inquisitorial. Alguns sacerdotes católicos protestam porque temem o renascimento do poder protestante ou do paganismo, e receiam ver a sua arma diletta nas mãos dos inimigos mais acerrimos.

Na Itália fascista, católica, romana, a Igreja conservou-se silenciosa deante das crueldades sádicas das hordas assassinas de Mussolini. Essas atitudes contraditórias atestam a luta religiosa neste princípio de fim de civilização. Quanto ao neo-paganismo da Alemanha, o imperialismo prussiano quer resolver, pelo nazismo, o problema político mundial, e quer resolver pelo paganismo neo-cristão, o problema religioso do universo ...

O Papa Gregório I, século VI, dizia: “a santa ignorância é a mãe da piedade e da virtude”.

É verdade: “a santa ignorância” e a tirania é a argamassa com que a Igreja solidificou o seu poder e organizou a mais formidável de todas as organizações sociais da nossa civilização de animais ferozes.

Mas, não há palavras para descrever os crimes nefandos da Igreja embrutecendo os homens, reduzindo-os a animais domesticados aos quais tiraram todas as fibras do caráter e da vontade, de quem fizeram instrumento e juguete nas mãos dos poderosos e dos nababos. Nada mais há para dizer. Não há mais expressões para protestar. A propaganda anticlerical, a meu ver, deve basear-se nas palavras dos santos padres, na sua piedade abrasadora ... e nos textos das escrituras.

Justamente porque pode ser demonstrado, pelo menos “em vinte passagens positivas do Velho Testamento, que sua redação é posterior a Moisés de mais de um século e que ela provem da conivência manifesta de um grande padre e de um rei designado”, (Volney - *“Les Ruines e Recherches nouvelles sur l’histoire ancienne”*); - justamente porque o Velho

e o Novo Testamento estão intercalados de máximas e preceito do clero cristão e do jesuitismo não menos cristãos, depois de traduzidos e vertidos e adaptados por todos os Concílios; justamente por conter as bases do espírito de fanatismo e intolerância da Igreja; justamente por ser o Jeovah terrível dos exércitos o inspirador das doutrinas organizadas da Igreja; precisamente por essas razões – devemos tomar por testemunho do nosso desdém ao clero e da nossa repugnância pelos crimes inomináveis da Igreja – os livros sagrados da sua ferocidade e da sua tirania.

A. D. White (*História da luta entre a Ciência e a Teologia*), no Cap. XX que trata “Dos oráculos divinos à crítica superior”, analisando o mundo de interpretações do Velho e do Novo Testamento e estudando os textos das traduções dos Livros Sagrados dos judeus e dos Cristãos e todas as lendas em torno da sua adaptação aos gostos pessoais dos seus interpretes, conclui: “esses esforços chegaram naturalmente à declaração rabinica de que cada passagem da lei tem setenta significações diferentes, e que Deus mesmo consagra três horas por dia ao seu estudo.”

E Draper nos conta que a Bíblia de Sixto Quinto continha erros (perto de 2.000, dois mil), que seus próprios autores foram obrigados a suprimi-la!

É precisamente a razão por que os livros sagrados devem ser manuseados pelos anti-clericais, e constituem precioso manual de informações do Código moral legado pelo Cristianismo à nossa civilização de canibais.

A Igreja é, hoje, uma potência econômica e política, é um Estado dentro do Estado e aspira a ser o Estado único, a monarquia ditatorial e universal dentro do fascismo ou nacionalismo imperialista. Espera colher, agora, os frutos da educação de há tantos séculos.

É uma força viva, ativa, dinâmica, em plena efervescência – domínio absoluto por sobre os povos, as monarquias e as repúblicas.

A Igreja é a mesma da Idade Média, com a mesma organização e os mesmos sonhos de hegemonia universal. É o que devemos procurar provar – documentando-nos precisamente dentro da Igreja.

A Igreja esperou pacientemente, desde a Renascença e a Revolução Francesa. Esteve na defensiva. Agora, reata valentemente a ofensiva.

O capitalismo serve-se das doutrinas de renúncia e resignação passiva

da Igreja, para lançar os seus tentáculos de polvo por sobre as massas trabalhadoras. A Igreja se serve do capitalismo – para armar o *braço secular* do Estado contra a heresia.

Porque hoje os governos são os serviçais do Capital. A aliança entre César e Pedro é de todos os tempos, desde Constantino, e indispensável à estabilidade do Estado burguês e da Igreja Romana.

O Capitalismo presente a sua própria agonia.

A Igreja vê ruir os alicerces da sua soberania.

Daí o Fascismo: é filho dileto do Cristianismo e do Capital. É a nova aliança do altar e do trono – para o renascimento do terror e do despotismo imperialista – as armas com que os papas, os autocratas, a plutocracia pretendem estrangular de novo a razão humana e subornar a evolução.

A ofensiva do Clero é, pois, motivada pelo tropel do caminhar do gênero humano num ciclo de evolução em que, na arena social, se postam dois exércitos – para a Cruzada definitiva entre o princípio de Autoridade e o direito humano à Liberdade.

O Clero move, em todas as direções, as suas antenas, poderosas diante da covardia intelectual, multiplica os seus métodos de assalto indireto, imuniza e suborna, propõe e dispõe conforme as circunstâncias e o ambiente, no qual maneja os cordéis, com que aprisiona seus recrutas e voluntários servís, tirados de todas as classes sociais.

Em todos os tempos – psicólogos astutos e vorazes, a sua arma foi a mulher e a escola.

“... esses homens inventaram a mais profunda das perfídias: a obrigação absurda de lhes contar os segredos mais íntimos das ações, dos pensamentos, das *veleidades* (a confissão); de sorte que a sua curiosidade insolente levou a sua inquisição até o santuário do leito nupcial, no asilo inviolável do coração”.⁴ São magníficas essas palavras de Volney.

E assim, vivem no celibato para terem todas as vantagens dos casados e “pouparem-se de todos os sacrificios domésticos”.

“Sempre denominaram *impiedade* a tudo quanto prejudica os seus interesses; resistem a toda instrução pública, para exercerem o monopólio da ciência; em todos os tempos, em toda parte, encontraram o segredo de viver em paz em meio da desordem por eles mesmos causada; em

4 Volney, “Les Ruines”.

segurança, no meio do despotismo que favorecem; em repouso, no meio do trabalho que vivem pregando; na abundância, no seio da miséria; e isso exercendo o comércio singular de *vender palavras e gestos* à gente crédula que paga como a mercadorias do mais alto preço”.

“Sob o manto da *pobreza*, encontraram o segredo de ser ricos e de se proporcionar todos os gozos.

“Sob o nome de *mendicidade*, arrecadam impostos mais altos que os príncipes.

“Sob o nome de dons e oferendas, conseguem rendas certas e isentas de despesas.

“Sob o nome de *recolhimento e devoção*, vivem na ociosidade e na licença.

“Fizeram da *esmola* um virtude, afim de viverem tranquilamente do trabalho do próximo”⁵.

Através da ignorância, da tenacidade incultural da mulher, da teimosia feminina doentia e passional, através da sentimentalidade sensitiva do sexo emotivo e através da inocência curiosa da criança – o clero estende os seus tentáculos de Briaréu, por todos os rincões do mundo.

A escola falsifica a história, e, cautelosamente, oculta os crimes, o cinismo, a libertinagem, a cupidez e a voracidade do clero em violar a alma humana. A mulher, apaixonada, exaltada, emotiva, domesticada até o servilismo – é a intermediária entre o padre e a sociedade, entre a Igreja e a criança e a sua missão consiste em estar a serviço da ignorância, do crime da superstição, do fanatismo, da intolerância obstinada e irreduzível, e, por fim, presta-se a esmolar para encher os cofres fortes da Igreja toda poderosa, mascarada de pobreza e humildade.

Assim, para combater a ignorância e a mentira com que é educada a juventude em relação aos fatos históricos e à autenticidade dos crimes clericais, é preciso citar as palavras santas dos luminares da Igreja, fazer a religião “verdadeira” falar pela boca dos piedosos padres, enfrentar uns contra os outros quando defendem os seus próprios interesses ou da sua Congregação, a exemplo dos Agostinhos e Dominicanos...

Essa é a lógica única, capaz de levar a dúvida aos mal avisados ou aos ... mal educados no confessionário.

5 Idem

Empenhamo-nos em mostrar à juventude que ainda tem fibra e virilidade na alma – armas ferozes dos que, em todos os tempos, só quiseram uma coisa: dominar para tyrannizar, separar para reinar, para assalto à bolsa e à consciência, para o assalto à liberdade e à razão.

A Igreja é o Anti-Cristo do Apocalipse.

Vejamos, por parte, a documentação que a Igreja nos fornece por suas próprias mãos piedosas.

OS NOVOS AUTOS DA FÉ

Vejamos, por exemplo, a razão pela qual Hitler acaba de queimar milhares de livros em toda Alemanha, num Auto de Fé do Estado moderno.

Nos Atos dos Apóstolos, Cap. XIX, vers. 11, 18, 19 e 20 nos inteiramos que:

11: Deus, pelas mãos de Paulo fazia maravilhas extraordinárias.

18: E muitos dos que criam, vinham, confessando e publicando os seus feitos.

19: Também muitos dos que seguiam *artes* curiosas trouxeram os seus livros, e os queimavam na presença de todos, e, feita a conta do seu preço, achavam que *montava* a cinquenta mil *peças* de prata.

20: Assim a palavra do Senhor crescia poderosamente e prevalecia.

Isso foi em Éfeso ... A Igreja procurou seguir a lição. Teófilo, bispo de Antioquia, no século IV, destruindo o templo de Serápis, destruir também a biblioteca de Alexandria, com cerca de 800.000 volumes. (Fleury, *Historia Ecclesiastica*). A Igreja responsabilizou por isso a Omar, general de Mahomet. Não é verdade. Antes da invasão mulçumana, Orosio encontrara a biblioteca deserta de livros.

Um decreto do Papa Gelásio I, em 494, condena à fogueira muitíssimos livros considerados heréticos.

Gregório, o Grande, mandou queimar a biblioteca palatina em Roma.

No século XIII, os Cruzados tomam Constantinopla e queimam as bibliotecas.

A metafísica de Aristóteles, traduzida em latim, é queimada em Paris, na praça pública, por ordem de um concílio de bispos, que proíbem que se conserve dela algum exemplar ou qualquer tradução.